



GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO PARA O RISCO: UMA ABORDAGEM POSSÍVEL

GEOGRAPHY AND EDUCATION FOR RISK: A APPROACH POSSIBLE

Larissa Trindade Tarôco¹, André Barbosa Ribeiro Ferreira², Carla Juscélia de Oliveira Souza³

¹ Curso de Licenciatura em Geografia, Universidade Federal de São João Del-Rei – UFSJ larissa_taroco1994@hotmail.com, Avenida Visconde do Rio Preto, s/nº Colônia do Bengo - CEP 36301-360.

² Curso de Bacharelado em Geografia, Universidade Federal de São João Del-Rei – UFSJ andreribeirogeo@gmail.com, Avenida Visconde do Rio Preto, s/nº Colônia do Bengo - CEP 36301-360.

³ Departamento de Geociências – DEGEO, Universidade Federal de São João Del-Rei – UFSJ carlaju@ufsj.edu.br, Avenida Visconde do Rio Preto, s/nº Colônia do Bengo - CEP 36301-360.

RESUMO

Os desastres naturais estão presentes em todo o planeta e são resultados de forças e processos da natureza podendo ser agravados pela ação humana. Partindo deste pressuposto, entende-se que a escola possui papel relevante na formação de cidadãos que saibam analisar e avaliar situações referentes aos processos naturais, aos sociais e a formação de áreas de riscos ambientais. No contexto da escola, o processo de ensino-aprendizagem na área de Geografia ganha destaque, na medida em que esta ciência contempla os conteúdos essenciais para o entendimento da problemática. A importância e o interesse por esse assunto culminou no levantamento da concepção de áreas de risco ambiental entre alunos da educação básica de duas escolas públicas da cidade de São João Del Rei. A pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica sobre riscos, trabalho de campo e coleta de dados via questionário semiaberto, respondido por alunos das séries finais do Ensino Fundamental e Médio e pelos professores. A análise dos dados coletados, pautando-se a análise em referências bibliográficas ligadas à Geografia e Educação, permite afirmar que o tema é contemplado em sala de aula, porém a discussão é superficial e o material didático não contempla o conteúdo de modo aprofundado, o que dificulta o trabalho dos professores. Destaca-se a influência da mídia, ainda como o principal meio de informação sobre o assunto. O resultado da pesquisa mostrou também que os muitos alunos relacionam o tema risco ambiental com degradação, entendendo-os como sinônimos. Esses resultados mostram a necessidade de se trabalhar o tema riscos na perspectiva da educação geográfica, caminho possível para a “educação para o risco”.

Palavras-Chave: Concepção; Risco Ambiental; Educação Geográfica.

ABSTRACT

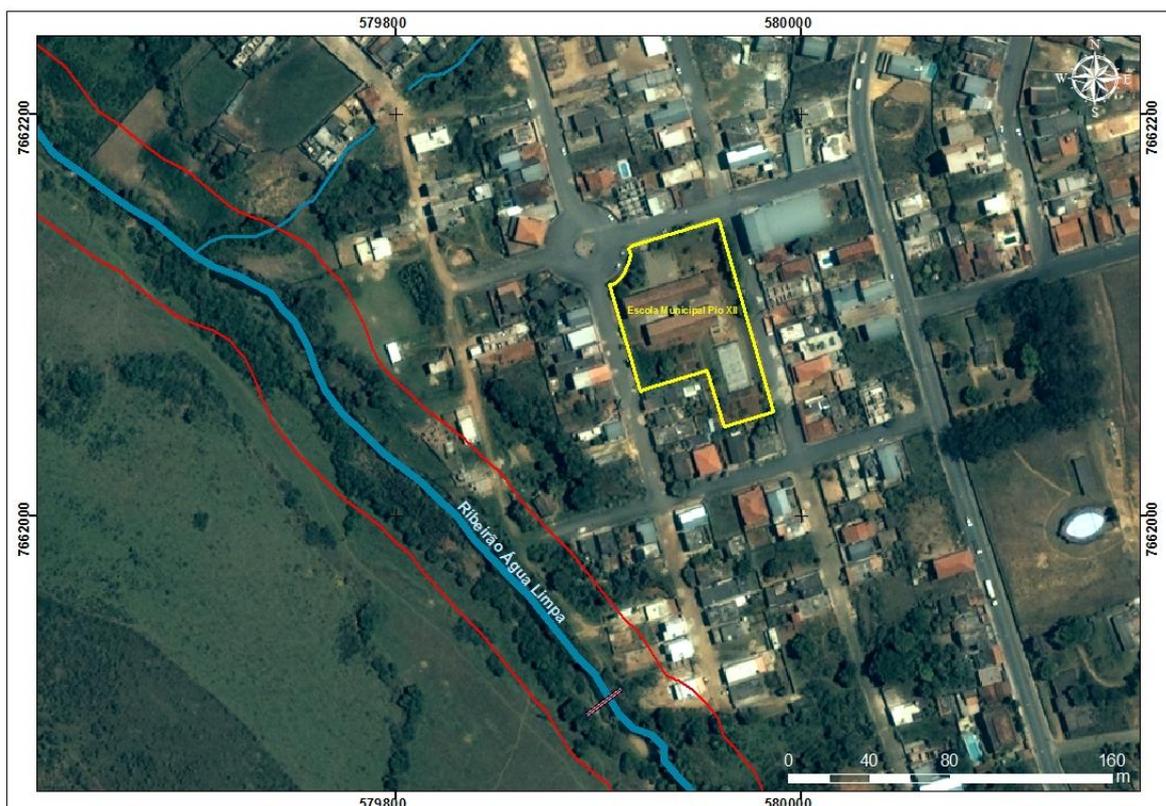
Natural disasters are present across the planet and are the result of forces and processes of nature can be aggravated by human action. On that basis, it is understood that the school has an important role in the formation of citizens who can analyze and evaluate situations related to natural processes, social and formation of environmental risk areas. In the school context, the process of teaching and learning in the field of Geography is highlighted, as this science considers the essential elements for understanding the issue. The importance and interest in this subject culminated in lifting the design of environmental risk areas of basic education students from two public schools in São João del Rei. The survey was conducted through literature review of risks, fieldwork and data collection through semi-open questionnaire, answered by students from the upper grades of elementary and high school and teachers. The analysis of the data collected, basing the analysis on references related to Geography and Education, to suggest that the topic is covered in class, but the discussion is superficial and the teaching material does not include in-depth way of content, which complicates the work of teachers. The influence of the media also highlights as the primary means of information on the subject. The survey results also showed that many students relate the theme environmental risk with degradation, understand them interchangeably. These results show the need to work with the theme risk from the perspective of geographic education, possible path to the "education for risk."

Keywords: Conception; Environmental Risk, Geographic Education.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de pesquisa de iniciação científica, no âmbito do Curso de Geografia e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos (GEPEGER), do departamento de Geociências da Universidade Federal de São João del-Rei, financiada pela FAPEMIG (Fundo de Amparo a Pesquisa em Minas Gerais). A pesquisa, de natureza empírica e diagnóstica, investiga no campo da Geografia Escolar as seguintes questões: i) A Geografia escolar tem contemplado o tema risco ambiental com os jovens do ensino fundamental II e médio? ii) Como e quando esse tema é contemplado como conteúdo de geografia? iii) Qual o conhecimento sobre risco ambiental os jovens e professores de Geografia das escolas investigadas apresentam? Portanto, a pesquisa investiga se na escola, que desempenha um papel de suma importância na formação do senso-crítico da sociedade, os conceitos que cercam a discussão sobre áreas de riscos ambientais são contemplados nas aulas de geografia.

As escolas investigadas são Escola Municipal Pio XII (**Figura 1**) e Escola Estadual Governador Milton Campos (**Figura 2**), ambas localizadas no bairro de Matosinhos e seu entorno, conhecido também como “Grande Matosinhos”.



Fonte: FERREIRA, 2015.

Figura 1: Localização da escola Municipal Pio XII e seu entorno

O bairro mencionado é habitado desde o início do século XVIII, com a chegada de imigrantes portugueses e nativos brasileiros provenientes de outras regiões. José Cláudio Henriques afirma que no início havia algumas fazendas, pertencentes às famílias importantes do período, que produziam diversos tipos de fruta e estimulavam o comércio agrícola no “bairro”. Com o progresso socioeconômico do local, com a instalação de uma fábrica de tecidos, uma fábrica de bebidas, um

curtume de couros, indústrias de estanho e de calçados contribuiu para que os antigos latifúndios fossem fragmentados, dando origem ao bairro em sua configuração como é conhecido hoje.

De acordo com o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 a população residente em Matosinhos era de 20.153 habitantes, o que torna o bairro como o mais populoso da cidade, que possui 84.469 habitantes.



Fonte: TARÔCO, 2015.

Figura 2: Localização da escola Estadual Gov. Milton Campos e seu entorno.

O bairro é drenado pelo Rio das Mortes e alguns afluentes, em ampla planície fluvial com altitude média de 890m, de acordo com a carta topográfica de São João del-Rei, escala 1:25.000, de 1994. Durante o verão, as chuvas tropicais intensas e comuns na região contribuem para a cheia do Rio das Mortes, o qual passa a ocupar grande parte de seu leito maior, ocasionando inundações. Segundo o Plano de Contingência da Defesa Civil de São João Del-Rei (2013), o bairro de Matosinhos apresenta três áreas de potencial risco de enchentes/alagamentos e cinco encostas propensas a deslizamentos durante o período chuvoso.

As escolas estudadas, principalmente a Escola Governador Milton Campos (Figura 2), localizam-se em região com probabilidade de ocorrência de inundações, fato que reforça a necessidade de se conhecer e apresentar, já na escola básica as causas, as consequências e as soluções que orientem os alunos que residem na região.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's – (BRASIL, 1997) e o Currículo Básico Comum (CBC), no caso mineiro, referentes à área da Geografia, trazem entre seus temas e subitens a indicação do estudo de questões ambientais e, nestas, o tema riscos ambientais como conteúdo a ser considerado no contexto escolar. De acordo com Cavalcanti (2012),

A tarefa da escola é justamente propiciar elementos, por meio do ensino de diferentes conteúdos, especialmente os de geografia, para que os alunos possam fazer um elo entre o que acontece no lugar em que vivem, na sua vida, no seu cotidiano, e o que acontece em outros lugares do mundo, trabalhando assim com superposições de

escalas de análise, local e global. Ou seja, trata-se de levá-los a compreender que muitos fatos e fenômenos que vivenciam em nível local são equivalentes a outros que ocorrem em diferentes lugares, de diversos países e continentes, e que isso acontece porque são impulsionados e regidos por uma lógica mais geral, uma lógica mais global. É com essa compreensão que eles podem analisar problemas do cotidiano que vivenciam (CAVALCANTI, 2012, p. 143).

A autora evidencia um dos papéis da escola e explica que por meio da superposição de escalas, com os conteúdos geográficos, os sujeitos escolares podem analisar problemas que ocorrem no cotidiano. A análise da ocorrência de inundações, alagamentos e deslizamentos no espaço de vivência pode ser relacionada a ocorrências em outras partes do país e até de continentes. Para isso é necessário que o aluno entenda os processos geográficos de ordem natural e social e compreenda a sobreposição das escalas.

De acordo com Moraes (1998),

Na Geografia, os estudos em percepção ambiental têm contribuído na busca das respostas às indagações do por que certas atividades humanas ocupam, preferencialmente, determinados locais e quais modelos produzem no espaço. Além disso, estes estudos têm procurado esclarecer o papel que a percepção ambiental desempenha no arranjo do meio ambiente (MORAES, 1998, pp. 89-90).

O autor aborda a presença dos estudos de percepção no contexto da geografia, como procedimento e abordagem teórica para análise e estudo do ambiente, seja na perspectiva da análise do lugar, da paisagem ou mesmo do território. Na pesquisa realizada junto aos alunos das referidas escolas ficou-se atento à perspectiva do lugar, considerando, principalmente, seus elementos físicos naturais e a relação que os sujeitos estabelecem com os referidos elementos.

A relevância do tema risco ambiental na geografia e na sociedade é um fato, assim como a valorização do lugar como categoria de análise sócio espacial e a abordagem escalar, resta saber se o conteúdo está sendo trabalhado de modo efetivo.

2. ABORDAGEM TEÓRICA E METODOLÓGICA DA PESQUISA

A pesquisa fundamenta-se em leituras específicas sobre os termos, risco ambiental, áreas de risco ambiental e educação geográfica, em autores como Veyret (2013), Hausmann e Schneider (1999), Moraes (1998), Cavalcanti (2012) entre outros, e em dados primários levantados juntos aos sujeitos da pesquisa, nas escolas, e pesquisa *in loco*, com registro fotográfico de parte, da paisagem, do bairro de Matosinhos. O instrumento de coleta de informações e dados foram questões abertas e fechadas organizadas em questionário, para os alunos, e entrevista semiestruturada para os professores, com questões atentas à relação sujeito\lugar, concepção\percepção sobre risco ambiental e área de risco. A partir das informações coletadas fez-se o estudo do conteúdo dos mesmos a fim de verificar se o conteúdo área de risco é contemplado nas aulas de geografia e, ainda, qual a concepção e percepção dos sujeitos escolares sobre o assunto.

A pesquisa foi realizada com os alunos do nono ano do Ensino Fundamental e terceiro ano do Ensino Médio, estudantes residentes em área urbana. A escolha desse grupo se deve ao fato de os mesmos estarem finalizando o ensino o Fundamental II e o Ensino Médio. Além desse aspecto, os sujeitos são jovens que já podem circular pelo bairro com maior autonomia em função da idade e independentes da presença dos pais. Esse fato contribui para que os mesmos construam sua identidade com o espaço e ampliam sua prática social espacial (MORAIS e CAVALCANTI, 2011). A identidade ou não com o lugar e o conhecimento empírico, construídos no cotidiano, podem ser considerados nos estudos científicos, principalmente quando se busca investigar o lugar e os seus sujeitos. Pois, “[...] todo conhecimento geográfico está interligado a um contexto de representações sociais que se difundem e podem ser integradas aos conhecimentos científicos” (MENDONÇA E KOZEL, 2009, p.

217). Portanto, espera-se que as respostas dos alunos às questões propostas revelem suas experiências pessoais e coletivas, porque “em geografia importa tanto a percepção como a cognição”, como afirma Oliveira (2009, p.192), no estudo do espaço geográfico. A autora, ao evidenciar que “no nosso caso geográfico, trabalhamos quase que inteiramente com a percepção visual” (OLIVEIRA, 2009, p. 190), faz referência ao saber que cada criança e adolescente carrega consigo.

Esse saber quando utilizado em sala de aula pelo professor serve de exemplo significativo e esclarecedor, uma vez que os livros didáticos nem sempre são capazes de representar o problema e inseri-lo no cotidiano dos alunos.

A Geografia, a qual possibilita responder questões que homens e mulheres colocam sobre os aspectos físico-naturais e humanos, os quais interagem entre si e se alteram constantemente (NUNES, ALMEIDA e NOLASCO, 2013), pode contribuir com a “Educação para o risco”. Esta compreende retomar os saberes sociais, os científicos e técnicos para promover novos conhecimentos que levem as pessoas a pensarem e a agirem em prol de sua segurança e a do coletivo diante dos resultados de processos naturais e sociais, expressos em áreas reconhecidas como de Risco. Ações práticas também contribuem para a educação, como as realizadas pelo Projeto de Sensibilização e Educação da População Escolar (PROSEPE), apresentadas e discutidas por Lourenço et. al. (2014).

Para Lourenço (2014, p. 63), a Geografia desempenha um papel fundamental na educação para o risco, pois “procura responder às questões que o ser humano coloca sobre o meio físico e antrópico, os quais interagem entre si e se alteram constantemente.” Sendo assim, “o domínio destes saberes reforçam a tomada de consciência e a decisão informada, no sentido da construção de uma cidadania participativa e consciente, que passa pelo pensar, sentir, agir e apropriar o espaço, desde o pessoal ao global.” (LOURENÇO, 2014, p. 61-62) A cidade como espaço, um ambiente da vida coletiva pode contribuir para a formação cidadã de sua população (CAVALCANTI, 2008) através da observação e problematização do seu arranjo espacial, dos problemas cíclicos e dos processos naturais. A “Educação para o risco” implica em educar, também, para a cidadania.

De acordo com Souza (2013, 565), “[...] a apreensão da cidade, pela perspectiva da existência das áreas de risco, deve ocorrer com uma aprendizagem significativa. Esta equivale evidenciar a construção de significados como elemento central do processo de ensino/aprendizagem”. E, ainda, partir do conhecimento prévio que o aluno tem sobre o assunto é condição essencial no processo de aprendizagem significativa (SOUZA, 2013).

Segundo Haussmann e Schneider (1999, p. 94)

“[...] uma das formas de diminuir o processo de deterioração nos assentamentos nas áreas de risco seria a de oferecer orientações específicas aos moradores destes locais, com o objetivo de ensinar formas de melhor utilização do solo na hora da construção de suas moradias”.

Entende-se que uma das principais fontes de orientação, gratuita e acessível, para que esse conhecimento chegue a toda sociedade é a escola. E, dentre as ciências que podem explorar tal assunto, está a Geografia, pois, a problemática é uma questão social e “o risco interroga necessariamente a geografia que se interessa pelas relações sociais e por suas traduções espaciais” (VEYRET, 2013, P. 11), estas podendo ser ou não percebidas pela população.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da coleta de dados e a análise dos mesmos foi possível averiguar: a identificação dos sujeitos, o conhecimento sobre o tema entre os alunos e a abordagem do tema risco ambiental nas aulas de geografia, conforme apresentado e discutido nos itens seguintes.

Do total de cinquenta e dois alunos do nono ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Pio XII e cem do terceiro ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Governador Milton Campos, 96% (Escola Municipal Pio XII) e 78% (Escola Estadual Governador Milton Campos) participaram da pesquisa respondendo ao questionário. Portanto, os resultados, aqui apresentados, correspondem à maioria dos alunos por ano de escolaridade investigado.

3.1 Sujeitos da pesquisa

De acordo com as informações contidas no questionário, é possível dizer que os alunos apresentam idade entre 14 a 17 anos (98% na escola Pio XII e 67%, escola Governador Milton Campos) e uma menor porcentagem (32%) com idade na faixa de 18 a 21 anos (**Gráfico 1**). Os sujeitos da pesquisa são jovens predominantemente do gênero feminino, 64% e 53%, (**Gráfico 2**), os quais residem na região da Grande Matosinhos (40,5% e 73%) e o restante em outros bairros do município (**Gráfico 3**).

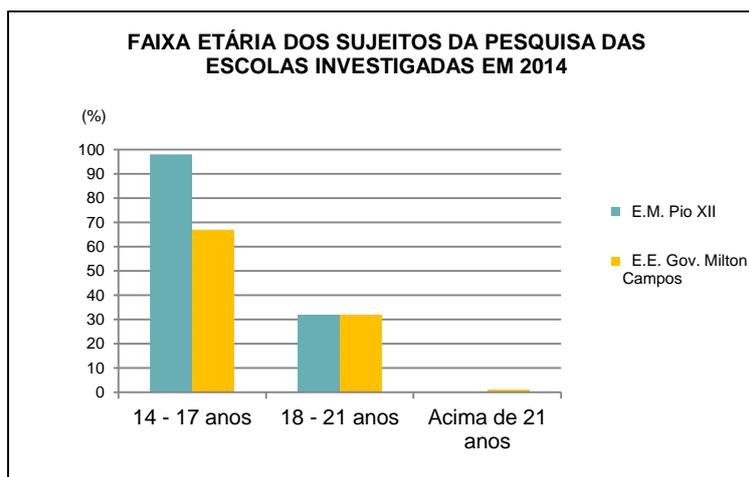


Gráfico 1: Faixa etária dos sujeitos da pesquisa.

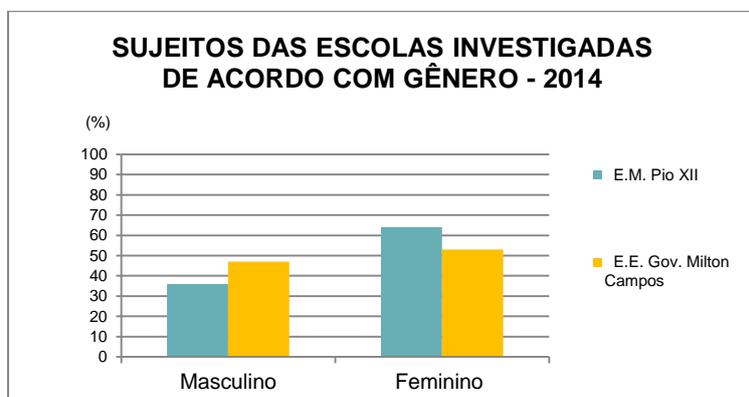


Gráfico 2: Sujeitos das escolas investigadas de acordo com gênero.

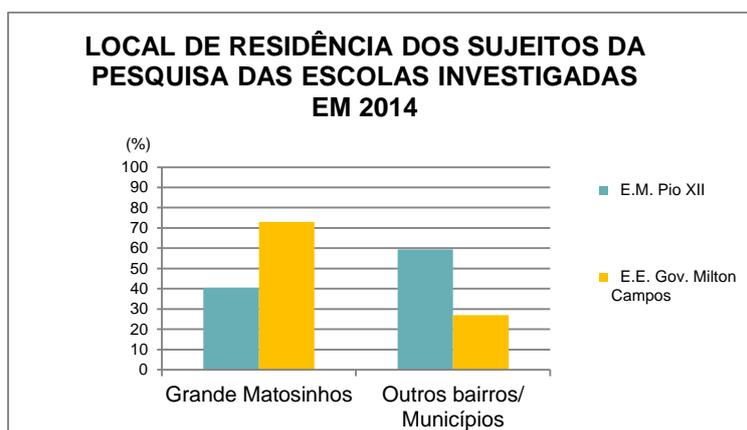


Gráfico 3: Local de residência dos sujeitos da pesquisa.

3.2 Conhecimento sobre o tema entre os alunos

Os alunos, quando questionados a respeito do assunto risco ambiental, a maioria, de ambas as escolas (82% e 71%), afirmou que já ouvira falar sobre o tema, enquanto menos de 30% disseram já terem lido a respeito e 6% não sabiam a respeito (**Gráfico 4**).

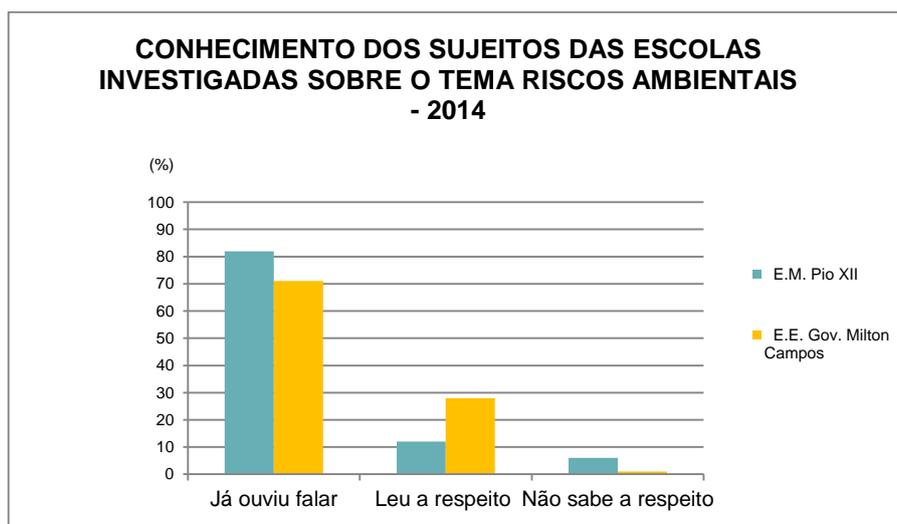


Gráfico 4: Conhecimento dos sujeitos sobre o tema riscos ambientais.

De acordo com essa pesquisa, entre os alunos a mídia é a maior responsável pela informação sobre riscos ambientais (80% e 75%), ficando a leitura científica muito atrás, uma vez que apresentou valores baixos (2% e 6%), conforme mostrado no **gráfico 5**.

Esse alto valor para a fonte de informação (mídia) e o baixo valor para o conhecimento científico pode explicar, em parte, a falta de clareza entre os alunos sobre o significado dos termos risco ambiental e degradação ambiental. A mídia, geralmente relata o acidente já ocorrido, principalmente quando aparece como catástrofe e não explicita a noção de conceitos, embora não seja o seu objetivo. Consequentemente, as pessoas ficam informadas sobre o fato, mas não concebem o significado conceitual do mesmo, principalmente quando não trabalhados na escola. Ao perguntar os alunos sobre o significado de risco ambiental e degradação ambiental, 40% e 46% disseram que os mesmos são sinônimos, outros 20% e 16% disseram que são antônimos e apenas 38% e 35% informaram que são diferentes (**Gráfico 6**). Os que disseram ser diferentes (38% e 35%) conseguem associar o risco ambiental às pessoas que podem ser atingidas diretamente por algum fenômeno natural combinado

com a intervenção antrópica, enquanto degradação eles associam ao processo de danificar elementos da natureza e que pode, também, atingir a população.



Gráfico 5: Fonte de conhecimento sobre o tema risco ambiental.

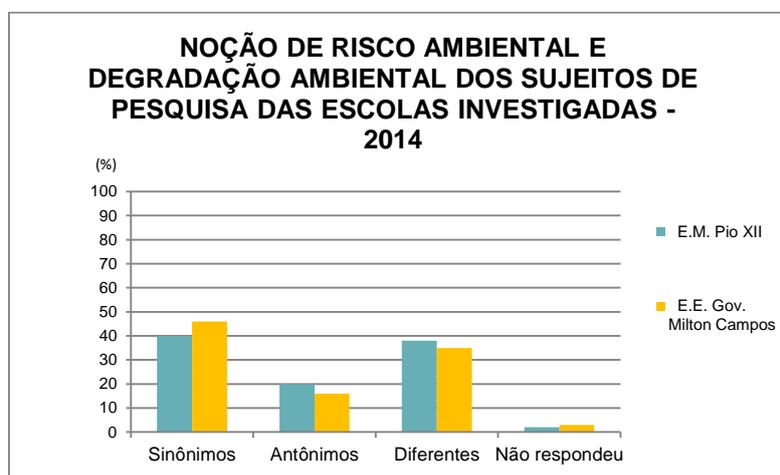


Gráfico 6: Noção de risco ambiental e degradação ambiental entre os sujeitos.

3.3 Abordagem do tema risco ambiental nas aulas de geografia

Entre os alunos de ambas as escolas, 96% e 95% responderam que a temática risco ambiental é trabalhada em sala de aula (**Gráfico 7**), porém para a maioria ela é trabalhada de modo superficial, com exemplos desconhecidos (56% e 54%), enquanto outra parte (40% e 41%) disse que o estudo é com base no livro didático, adaptado com exemplos para situações locais conhecidos pela classe.

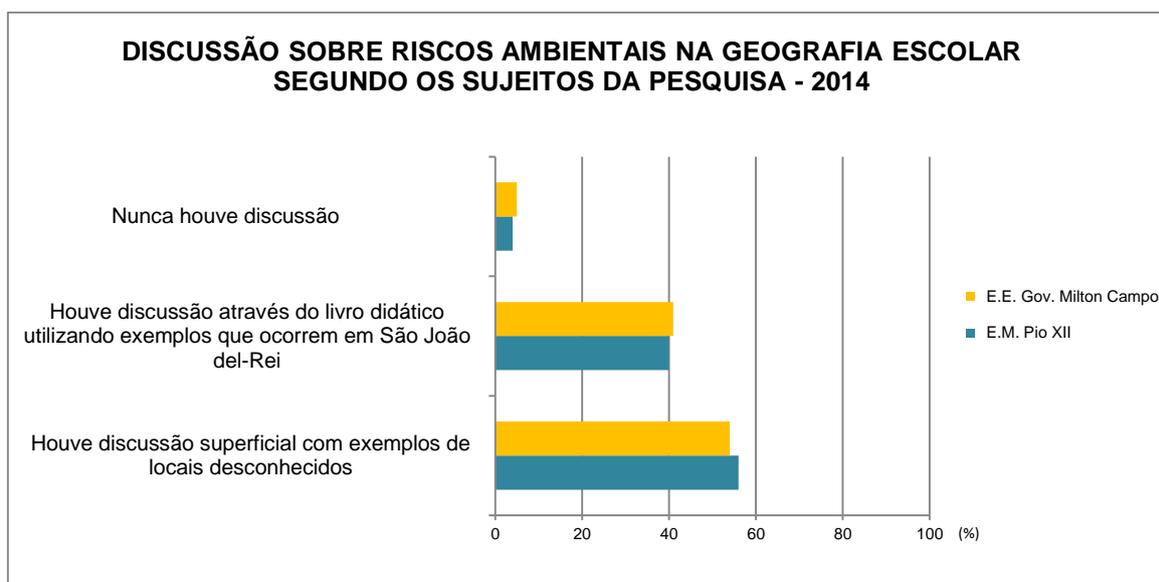


Gráfico 7: Discussão sobre riscos ambientais na Geografia escolar.

O tema risco ambiental nos livros didáticos é praticamente ausente. Quando ocorre, está relacionado às questões ambientais ou a fatos utilizados como exemplos para se discutir a relação sociedade/natureza, apropriação do relevo, uso inadequado do solo, entre outros. Portanto, acredita-se que os professores utilizam, também, as informações da mídia em suas aulas, para abordar o referido tema. Os professores tem conhecimento sobre o assunto, mas devido a dificuldades diversas eles restringe o estudo à sala de aula. A dificuldade em realizar um trabalho de campo é apontada pelos professores como um desafio no ensino sobre risco ambiental. Sendo assim, o tema é limitado à introdução dos fatos, sem exemplos práticos e visualizações reais, segundo os professores entrevistados.

Ao retomar o número de alunos que disseram que os termos são sinônimos e ou antônimos (**Gráfico 6**) tem-se um valor de 60% e 62%. Essas respostas revelam que o entendimento dos termos risco ambiental e degradação ambiental não é claro entre a maioria dos sujeitos pesquisados. Esse fato pode ser explicado quando se considera dois aspectos: a mídia como principal fonte de informação entre os alunos, a qual divulga tanto acidentes resultantes em áreas de risco ambiental, quanto a problemas referentes à degradação ambiental e a questão do tema ser trabalhado superficialmente na sala de aula. A combinação dessas duas situações contribui para a confusão conceitual sobre os termos entre os alunos.

É necessário explicitar, na escola, que a ideia de risco se fundamenta na coexistência de perigo, alvos e vulnerabilidade, conforme discutido por Veyret (2013). Assim, o tema poderá ser trabalhado na sala de aula independente da ocorrência de acidentes, anunciados pela mídia. A partir desse conhecimento e da concepção que os alunos apresentam sobre tema risco ambiental é possível iniciar um processo de ensino e aprendizagem significativa, considerando seus conhecimentos prévios, como elemento central, conforme citado por Souza (2013) ao fazer referência à teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso realizado no estudo e os resultados alcançados permitiram alcançar os objetivos da pesquisa. Existem outros dados da pesquisa para serem analisados, mas é possível afirmar que parte dos sujeitos investigados tem noção sobre riscos ambientais, inclusive se suas residências estão ou não em áreas consideradas de risco. Apesar disso, os conceitos não estão claros entre a maioria. A informação é recebida, mas não é trabalhada e assimilada completamente. As experiências de cada aluno também devem ser levadas em consideração durante os estudos, uma vez que as mesmas podem constituir situações conhecidas e vivenciadas por cada um deles de maneira direta ou indireta. O

conhecimento que deveria ser resultado de uma experiência escolar está sendo, nos casos investigados, fruto de notícias oriundas de veículos que defendem opiniões e interesses particulares.

A pesquisa mostrou que a discussão do tema risco ambiental na geografia escolar, de duas escolas de São João del-Rei, ainda é incipiente e não tem favorecido o esclarecimento efetivo sobre o seu significado. Acredita-se que essa situação de conhecimento se repita nas demais escolas do bairro de Matosinhos. Para aferir essa afirmativa, novas pesquisas estão sendo realizadas em duas outras escolas estaduais do referido bairro, durante 2015.

A partir desses resultados planeja-se propor atividades nas escolas a fim de se trabalhar com conceitos, procedimentos e ações sociais em prol de uma efetiva “Educação para os riscos” à luz da Geografia, por meio de projetos de extensão e de ações promovidas pelo Grupo de Pesquisas Estudos em Geografia, Educação e Riscos (GEPEGER).

5. AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPE/UFSJ.) pela bolsa no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC-UFSJ), em 2014.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia**. Brasília: Ministério de Educação e Desportos – SEF, 1997.

CAVALCANTI, L. de S. **A Geografia escolar e a cidade**. Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. 1ª Edição. São Paulo: Papyrus, 2008. 192 páginas.

FERREIRA, André B. R. **Levantamento da concepção de Risco Ambiental e Área de Risco ambiental na Escola Municipal Pio XII, em São João del-Rei/MG**. São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei. (Relatório de Iniciação Científica, Curso de Geografia, Departamento de Geociências), 2015, 26p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acesso em 15.09.2014.

HAUSSMANN, D. J.; SCHNEIDER, C. C. M. Populações de baixa renda x assentamento nas áreas de risco de Blumenau. **Dynamis**, Blumenau: s.n, v.7, n.27, p. 89-95, abr./jun. 1999.

HENRIQUES, J. C.. O bairro de Matosinhos. **Revista do instituto histórico e geográfico de São João Del-Rei**, São João Del-Rei: s.n, v.10, p. 138-155, anual. CDB.

LEI 12.727/2012. Código Florestal Brasileiro. <http://www.cpt.com.br/codigo-florestal/codigo-florestal-brasileiro-completo-e-atualizado-lei-127272012>. Acesso em 15.09.2014.

LOURENÇO, L. et. al. A educação geográfica como forma de mitigar as consequências das manifestações de risco. Contributos da educação formal e não formal para a prevenção de incêndios florestais. **Revista Territorium Terram**. São João del-Rei, 2014, p.59-74. http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/territorium_terr/am/article/viewFile/795/604. Acesso em 15.09.2014.

MENDONÇA, F.. KOZEL, S. (Org.). **Elementos da Epistemologia da Geografia Contemporânea**. 1ª Edição. Curitiba: Editora UFPR, 2009.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. Carta topográfica de São João del-Rei, escala 1:25.000, 1994. (Carta

Especial).

MORAES, D. P. de. A percepção do meio ambiente: Contribuições ao estudo dos riscos ambientais. **Revista Humanitas**, v. 2, n° 2, p.87-104, agosto/1998.

MOARAIS, E. M. B. de; CAVALCANTI, L, de S. **A cidade e seus sujeitos**. Goiânia: Vieira, 2011.

NUNES, A., ALMEIDA, A. C., NOLASCO, C. C. **Metas Curriculares- Geografia, 3.º Ciclo do Ensino Básico**. Ministério da Educação e Ciência, 27 p., 2013/14. http://www.uc.pt/fluc/depgeo/Publicacoes/livro_homenagem_FRebelo/143_152. Acesso em 15.09.2014

OLIVEIRA, L. de. Ainda sobre percepção, cognição e representação em Geografia. In: MENDONÇA, Francisco. KOZEL, Salette (Org.). **Elementos da Epistemologia da Geografia Contemporânea**. 1ª Edição. Curitiba: Editora UFPR, 2009, p. 189-232.

SOUZA, C. J. O. Área de risco socioambiental nas cidades: prática educativa na formação docente e na geografia escolar. **A Cidade, um laboratório para a educação geográfica**. Porto: Associação de Professores de Geografia, 2013, p. 563 – 575.

TARÔCO, Larissa T. **Levantamento da Concepção de Risco Ambiental e Área de Risco Ambiental na Escola Estadual Governador Milton Campos em São João Del-Rei/MG**. São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei. (Relatório de Iniciação Científica, Curso de Geografia, Departamento de Geociências), 2015, 20p.

VEYRET, Yvete. **Os riscos – o homem como agressor e vítima do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2013.